

EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade : Instituto Politécnico da Guarda

Director : João Raimundo

Redacção : Serviços Centrais do IPG - Quinta do Zâmbito
6300 Guarda * Telf. 222634 * Fax 221690

Composição : Gabinete Editorial do IPG

Execução Gráfica e Impressão : Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal nº 17.981/87

Periodicidade : Semestral

nº IX - Janeiro de 1992

Reprodução Total ou parcial proibida

Capa : Vista parcial da Escola Superior de Educação

UMA PÁGINA DE COOPERAÇÃO

*"Palavras sem obra
são tiros sem bala;
atroam, mas não ferem."
(Padre António Vieira)*

A abertura do Pólo de Seia do Instituto Politécnico da Guarda assinala um capítulo eminente no historial do IPG. Evidencia uma página de cooperação, franca e aberta, orientada pela necessidade de servir a nossa região e os jovens deste distrito, que eram obrigados a procurar outros centros, e muitos deles, por carências económicas, a limitarem os seus estudos até ao fim do ensino secundário.

Ficou, assim, provado que, quando há empenho e diálogo e os interesses gerais se sobrepõem às motivações pessoais ou particulares, é possível o consenso, o progresso, a criação de projectos com um largo alcance em múltiplas vertentes, como é o caso do Pólo de Seia do Instituto Politécnico da Guarda.

O ano de 1992 regista a existência de novas e definitivas instalações do Instituto Politécnico da Guarda — obra que dignifica o distrito e de que a região se pode orgulhar.

Por outro lado, é também com alguma satisfação que assinalamos a entrada desta Revista no seu quinto ano de existência. *Educação e Tecnologia* afirma-se, cada vez mais, como veículo de cultura e ciência, publicação permanentemente aberta e renovada. Como escreveu Agostinho da Silva, *"tudo o que se publica tem de afrontar seu destino, sem espécie alguma de explicação, guarda ou amparo."*

João Raimundo
Presidente do IPG

O DESENGANO NA LÍRICA CAMONIANA

Micaela de Melo Falcão Castanheira Roma (*)

INTRODUÇÃO

O sentimento do Desengano ou "consciência da insignificância ontológica da existência empírica", (1) acentuado na sua vertente de reconhecimento da "insubstancialidade e (da) natureza ilusória de toda a existência humana", (2) acordando das profundidades de uma loucura narcotizante que falsifica o sentido da existência, ou seja, o Engano, é tema retintamente maneirista, presente na obra de Camões, poeta-génio renascentista, romântico, maneirista... enfim de todos os tempos. E é por isso que não cabe em "estreitos vasos" periodológicos, assumindo-se, isso sim, pela sua singularidade e excepcionalidade.

Trata-se, presentemente, de individualizar a macro-estrutura do Desengano/Engano, tendo em conta as suas particularidades específicas, a partir da sua representação no enunciado, visando posteriormente detectar as relações que sustenta com os componentes temáticos: o Destino, o Amor, o Canto e o Desconcerto do Mundo, aqui enunciados por ordem decrescente de importância.

O DESTINO

Se *Os Lusíadas* são uma luta entre o destino e o herói Camões da qual este sai vencedor, a canção X é a capitulação perante essa força implacável e transcendente que tem a seu serviço as "ervas mágicas" e as "durezas", vias privilegiadas para a alienação do eu, quer consumada na contemplação eufórica e obnubiladora da mulher amada (canção VII), quer na dispersão espaço-temporal do sujeito poético "agora peregrino vago e errante / vendo nações, linguagens e costumes / Céus vários, qualidades diferentes / Só por seguir com passos deligentes, a ti, Fortuna injusta". Está exilado, longe do "pátrio ninho". Sem ninguém. É um ponto sem retorno, definitivo: o que foi, já não pode ser nunca mais (soneto 100). Tenta, é verdade, criar na fantasia "fantásticas pinturas de alegria", mercê do génio luminoso, mas estes "breves enganos"

(*) Estagiária da Carreira Técnica Superior do I.P.G.

(1) Silva, Vitor Manuel de Aguiar em *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra, 1980.

(2) Idem.

desfazem-se em nada, — como o sonho do Adamastor... —, ou em lágrimas "Aqui o Imaginar se convertia / Num súbito chorar:"...

Quem é o responsável por tanto sofrimento? O Destino que aparece, também, designado por "estrelas infelizes" ou "Fortuna" que, muitas vezes, surge associada ao "Amor cego", conotador, aliás, extremamente disfórico na lírica de Camões e, ainda, a outras entidades igualmente ambíguas, malélicas e destruidoras: o Tempo, o Caso Duvidoso, etc.

Conseguiu a Fortuna, à traição, furtar-lhe o "livre alveredio": é por isso que renuncia, antes mesmo de ter começado a lutar. A vida, para ele, não é mais do que um falso combate, um buscar incessante de enganos fingidos que logo se desfazem, porque são irreais "Ah! vãs memórias, onde me levais! / o fraco coração..." na Canção X, ou, ainda, na Oitava 5 "Mas para onde me leva a fantasia?" E sobrevém a consciência de si, a sua lucidez sempre vigilante, mesmo nas trevas do mundo desconcertado. Eil-lo, desenganado e infeliz, como Trasilau...

Não há qualquer espécie de refrigério. Nada consola, pois sabe, por meio do "saber de experiência feito", que tudo são enganos. Todavia, alturas há em que é apontado o canto como desabafo. Mas como é percebido na canção X?

É grito condenado a perder-se nos meandros do mundo confuso, já que a voz é "débil e pequena" para poder desabafar... Será que consegue? Ou já tinha o Poeta renunciado a esta perspectiva quando confessa "Manda-me Amor que cante docemente / o que ele em minh'alma tem impresso", porque o canto, di-lo ele, não é mais do-que engano, portanto alienação, fuga ao estado natural em que se encontra, "curso contínuo de tristeza", acabando por se decidir inspirado pelo "lindo aspecto", que não é mais do que a sinédoque da amada, mero pretexto para a obnubilação da razão "Conheci-me não ter conhecimento / e nisto só o que tive porque Amor mo deixou". A amada é, assim, fonte de Engano, presença luminosa que ofusca, cegando os olhos da razão do Poeta (canção VII).

Concluiremos esta digressão, que já val longa, por dizer que o projecto do canto como refrigério não é concretizado para que o Desengano seja (ainda!) mais profundo, mais árduo para o qual contribuíram a Fortuna e o Amor — condição "sine qua non" para alcançar a razão da própria vida e de si mesmo... Supera o jugo do Destino à sua maneira, como não podia deixar de ser, transcendendo-o e transformando-o em virtude apenas acessível a alguns eleitos "porque Amor e Fortuna determinaram de lhe darem poder para entenderem à medida dos males que tiverem".

É verdade: o Desengano não traz consigo só o sofrimento, mas sobretudo o conhecimento, só acessível a todos quantos ousam quebrar os "vedados términos".

O AMOR

À luz da doutrina neoplatônica, o amor é concebido como uma lei universal eufórica e natural: "Amor é um brando afeito / que Deus no mundo pôs e a natureza / para aumentar as coisas que criou". Todavia, quando assumido no plano individual, não é mais do que veículo do Engano. Consciência disso, tem-na o Poeta quando o denuncia de "enganoso", na canção VII.

Aí o que interessa é a beleza da amada que embriaga e atordoa. Em suma, fá-lo perder a amarga lucidez do desengano e mergulha-o na deliciosa inconsciência das ilusões, o que só é possível porque o Amor, agente do Destino, mineralizou-o, "Tanta vingança Amor de mim queria / que mudava a humana natureza / Os montes e a dureza deles / em mim por troca trespassava" ao passo que, pelo contrário, a natureza ganha contornos humanos. Subvertendo a ordem natural das coisas, desconcertando o mundo que decorre do momentâneo apagar da faculdade de pensar, de se avaliar a si e aos outros, que constitui o traço fundamental do seu próprio eu, isto é, o Desengano. Todavia, momentos há em que se apercebe que esse mesmo amor é tirânico, cego, falso, por força dos laços estreitos que o unem ao Destino, muitas vezes confirmado, quer através da verificação de efeitos comuns "Erros meus, má Fortuna, Amor ardente / Em minha perdição se conjuraram", quer através de uma enunciação atributiva semanticamente idêntica "Amor duro cruel" "Fortuna dura". O amor precipita o Poeta de tormento em tormento, transforma-se em ódio e ira, a sua manifestação é causa de vergonha e injúria (soneto "Oh, quão caro me custa a entender-te", fonte de misérias e desterros "Em prisões baixas fui um tempo atado" que o conduzem inexoravelmente a erros e culpas inexplicáveis e indelévels "Mas triste de quem se sente magoado d'erros em que não pode haver perdão, / sem n'alma a mágoa do pecado")... E o que é pior: rouba-lhe o "livre alvedrio" que comporta simultaneamente um significado antropológico, cosmológico e metafísico de extrema relevância porque sem ele, e de acordo com a doutrina filosófica atrás citada, o homem não pode ascender à bem-aventurança e encontra-se pois reduzido à condição de "bicho da terra vil e tão pequeno" (canção IX). No entanto, o Desengano do amor profano é indispensável para o reconhecimento de necessidade de procura do "amor divino". Desengano que, aliás, é resultante do trágico fluir do tempo, obedecendo à ordem Bem-Mal-Pior.

Mas (há sempre um "mas" quando se trata de Camões...) momentos há em que se deixa levar por "virtude do muito imaginar", recorrendo à capacidade evocatória da memória humana via compensatória da carência, da insatisfação "Que se possível fosse que voltasse / o tempo para trás" (canção X), ou de sonhos que, desde logo, se sabem impossíveis de concretizar, (expresso no modo conjuntivo), "fosse então maior meu contentamento / vendo a conversação lida e suave"...

Oscila o "nosso Poeta", como diria Faria e Sousa, entre a alegria enganosa e as lágrimas tristes do desengano... Quais são os veículos do engano? Este surge associado ao motivo da água, elemento feminino que é conotado com a fragilidade, variabilidade e fecundidade da natureza humana. Aparece na canção X associada a vários sememas: ao sofrimento "lágrimas tristes", à errância "largo mar", à "Fortuna flutuosa".

Noutros passos, é verdade, também emerge o retrato da senhora, acompanhada de uma mundividência eufórica inegável (porque estereotipada resultante da obediência aos códigos petrarquistas e neoplatonistas, é o caso do soneto "Quando da bela vista o doce riso"). Todavia, quando intervém a marca idiolectal do Poeta, a amada não é mais do que "fera humana que enriquece". Desenganado do amor terreno, procura sofregamente o amor divino, única saída do labirinto do mundo desconcertado, patente nas redondilhas "Sóbolos rios que vão...", de cujos enleios "malgré lui", tarda em libertar-se...

O CANTO

Perdido o potencial da épica, o canto na canção X, como aliás noutros poemas da lírica camoniana, é desabafo de queixumes, choro, num cantar que é conto resultante do fluir da consciência. O desabafo e a queixa, por sua vez, tiram a sua razão do ser não de qualquer finalidade, mas da motivação que os gera "Quem pena forçado lhe é gritar". Consolo que, por si só, seria justificação para a poesia, se não fosse "débil e pequena voz para poder desabafar", se não fosse gritos ditos de balde a "Deus, ao mundo, enfim, ao vento", se não fosse, afinal, a voz do desengano profundo que lhe mina a alma. Contudo, descrê do destinatário: são desabafo que ninguém escuta, denúncias que ninguém ouve, explicações que ninguém compreende... Daí resulta o desconcerto do canto: falar e não ser ouvido... É precisamente a consciência deste desconcerto que atinge as raias do absurdo que conduz ao desengano "Já me desenganei que de queixar-me não se alcança remédio" (canção X). É um canto desiludido, desenganado, é certo, mas que se institui como via de afirmação do eu, porque vale por si mesmo, constituindo aquilo a que John Searle denominou um "acto elocutório". Já que é lúcido a ponto de denunciar as "sem-razões" a que o Destino o submete, delimitando os destinatários ideais da sua poesia "Chegai, desesperados, para ouvir-me".

O DESCONCERTO DO MUNDO

O "confuso regimento do mundo" é atribuído a várias instâncias ambigualmente "estrelas infelizes", "Fortuna flutuosa" "Destino fero", é sentido, desde a mais tenra infância, pelo Poeta, através da privação da liberdade. Enquanto a condição natural do homem é ter "livre alvederio", apresenta-nos e opõe a sua própria

situação invulgar e desconcertante a que é submetido, delineando-se a oposição eu / outros (Redondilha 115). Esta intervenção do Destino é orientada no sentido do Mal, arrastando o sujeito poético para inúmeras desgraças num tempo e espaços também eles desconcertados.

É que de vítima torna-se instrumento das forças do Mal contra si mesmo "Destarte a vida noutra fui trocando / eu não, mas o Destino fero, trado". Esta vida "outra" é a do exílio, a da dispersão que conduz irremediavelmente ao não-ser.

É a consciência deste desconcerto que, dolorosamente expressa, se chama Desengano. O mundo, aliás, está povoado de desconcertos: é absurdo o caso duvidoso que destrói o puro amor, é absurdo a morte, é absurdo o tempo que traz consigo mágoas e desastres, castrando assim as almas das gentes, incapacitando-as para o contentamento... De outra forma se revela, o desconcerto do mundo: através do espectáculo da agitação e afã dos homens em busca de bens que a Morte reduz a nada (Oitavas I). "O mundo é um absurdo tal é um dos pensamentos favoritos de Camões". Para lhe escapar desejava ser louco como Trasilau... mas a lucidez mantém-se vigilante como um pequeno ponto luminoso no meio da escuridão do universo. Por isso é que sabe que só mediante o jugo divino, o homem poderá ser salvo do mundo agonizante e enlouquecido, só através da Graça atingirá finalmente a "Jerusalém Celeste", onde reinam o Bem e a Beleza.

É esta a derradeira solução: "O melhor de tudo é crer em Cristo" (Soneto 165).

CONCLUSÃO

Se o Desengano, quando hiperbolizado, poderá volver-se em desespero, ainda que raramente, como no soneto "O dia em que nasci moura e pereça" e a glosa "Nunca em prazeres passados", o que é de importância primordial salientar é que o Desengano, ou seja, a tomada de consciência dos "breves enganos" do amor, das submissões da carne "filha de Babel tão feia" ao fervente desejo e que o "cantares d'amor profano" com que exalta essa mundividência amorosa deverão ser preteridos porque são enganos, em favor do amor divino cujo instrumento do canto é a lira dourada, metonímia do mundo inteligível, perene e essencial.

Em relação ao Engano amoroso, sublima-o esteticamente o que acontece quando é mais canonicamente petrarquista. Caso contrário, questiona a lógica do Engano como acontece na canção X, através da voz débil e pequena, é certo, mas ainda por si mesma grito de protesto e denúncia. Recupera, pois, a razão, ou seja, o Desengano.

É esta a "via crucis" camoniana... Termina com os versos admiráveis de Fernando Pessoa: "Triste de quem é feliz! Vive porque a vida dura / Nada na alma lhe diz / mais que a lição da raiz / Ter por vida a sepultura". Pois é este o mesquinho destino

que Camões renega a todo o momento, pagando por isso — e ele sabe-o bem — um preço elevado, como os heróis demandadores da sua epopela...

Bibliografia

- BERNARDES, José Augusto Cardoso; "O Desengano no Itinerário Poético de Camões" in *Brotéria* vol. 112 - nº 2, Fevereiro, 1981.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso; *O Bucolismo Português*, Coimbra, Liv. Almedina, 1988 (capítulo IV).
- CUNHA, Maria Helena Ribeiro da; *A Dialéctica do Desejo na Lírica de Camões*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de; *O Canto na Poesia Épica e Lírica de Camões*. Estudo da Isotopia Enunciativa, Paris, Centro Cultural Português, 1981.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar; "Amor e mundividência na lírica camonianiana" in *Colóquio / Letras*, nº 55, 1980.
- RIMAS - Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro Júlio Costa Pimpão, Coimbra, Atlântida, 1973.